



CONTO DE NATAL

De Todos, Um!



MUSEU BENFICA
COSME DAMIÃO
PATRIMÓNIO
CULTURAL
BENFICA

Esta história não começa com “era uma vez”. Era uma aldeia no meio do bosque. Se na primavera a aldeia florescia, os pássaros cantavam e o rio corria calmamente, no inverno um manto branco cobria o chão, a água do rio gelava e o fumo saía pelas chaminés das casas de pedra, produto da lenha que crepitava nas lareiras para aquecer as famílias nos seus lares.

A aldeia, rodeada por altos pinheiros bravos, era pequena, modesta e habitada apenas por algumas dezenas de pessoas, todas elas com nomes especiais. Os habitantes tinham nomes de valores morais, ou seja, qualidades ou princípios essenciais para viver em sociedade de forma saudável. Na aldeia, viviam, por exemplo, a Coragem, a Responsabilidade, o Respeito e a Liberdade. Cada habitante, ao nascer, recebia o nome de um valor e tinha por missão desenvolvê-lo ao longo da sua vida. Por este motivo, a aldeia chamava-se Aldeia dos Valores.



Tinha acabado de chegar o mês de dezembro e o frio tornava-se cada vez mais rigoroso. Os flocos de neve caíam e acumulavam-se no chão e nas ombreiras das portas. À luz dos candeeiros, as janelas revelavam os enfeites de Natal no interior das casas. Este ambiente antecipava um dos grandes eventos do ano: o jogo de Natal, que era uma tradição muito antiga na aldeia. Todos os habitantes participavam na organização do jogo de futebol que decorria, todos os anos, na véspera de Natal.



No entanto, os últimos jogos tinham decorrido com algumas peripécias. Os jogadores estavam em desacordo em relação a variados aspetos, o que levava a que o árbitro tivesse de interromper constantemente a partida para resolver as situações que surgiam. A maioria dos habitantes tinha escolhido a Honra para arbitrar o jogo, mas a Responsabilidade achava que essa função lhe devia ter sido atribuída a si e, por essa razão, por vezes não aceitava as decisões da Honra. A Coragem não sabia em que posição devia jogar, pelo que parava o jogo, ora para pedir para jogar à defesa e ocupar a posição de guarda-redes, ora para sugerir jogar ao ataque, quando a sua equipa estava há algum tempo sem marcar golo. O Orgulho gostava de ouvir os aplausos do público sempre que iniciava uma boa jogada, fintava um adversário ou marcava um golo e, por isso, a maior parte das vezes era individualista e não partilhava a bola com os seus colegas de equipa. E, no meio de tudo isto, o Respeito, cansado de avisar os seus companheiros de que aqueles comportamentos não eram adequados, saía do campo e recusava-se a jogar. A confusão era tanta que até o público já protestava e tentava chamar os jogadores à razão, dizendo-lhes que estavam a ir contra o propósito da realização da partida.



Eis que, a dada altura, a azáfama parou. Algo chamou a atenção dos jogadores e da assistência. Um pio forte, sonoro e prolongado. E, então, todos olharam para o céu e viram uma águia a planar sobre os pinheiros e a descer em direção ao campo. A águia era grande, as suas asas vigorosas e as penas brancas da sua cabeça refletiam o brilho da luz. Ao aterrar, firmou as suas garras no terreno e a sua presença causou a admiração dos aldeões, sobretudo quando começou a falar. Disse:

– Eu sou a águia Papoila, a guardiã do bosque que cerca e protege esta aldeia. O jogo de Natal é uma antiga tradição dos habitantes da Aldeia dos Valores. O vosso dever é honrá-la e passá-la de geração em geração. Os acontecimentos dos últimos jogos contrariam por completo os ideais que estiveram na sua origem. Lembrem-se, cada um de vós tem um papel importante a desempenhar na aldeia e o compromisso de desenvolver o valor que recebeu como nome.

Os jogadores ficaram muito envergonhados ao ouvirem as palavras proferidas pela águia Papoila.

Olhavam para o chão em silêncio e refletiam sobre as suas atitudes. Pouco a pouco, reconheciam que os seus comportamentos não tinham sido corretos. Mas ainda não sabiam como superar as suas diferenças para que o jogo decorresse sem complicações. Foi, então, a Prudência quem falou:

– As tuas palavras são sábias e sensatas, águia Papoila. As nossas ações não dignificaram a Aldeia dos Valores. Deixámos que as nossas opiniões e vontades pessoais atrapalhassem o decorrer do jogo. Como podemos encontrar a harmonia apesar das nossas diferenças?

A águia Papoila olhou-os de forma benevolente e respondeu:

– Os vossos nomes refletem as vossas maiores qualidades. No entanto, também podem esconder limitações. A vossa missão de desenvolver os vossos valores é individual, mas também coletiva. Nunca se esqueçam que precisam uns dos outros. E, para isso, têm de descobrir que princípios têm o poder de vos aproximar.



Após ouvir atentamente a águia Papoila, a Coragem, destemida, perguntou:

– Podes ajudar-nos, águia Papoila? Queremos descobrir que princípios são esses, mas não fazemos ideia de como o conseguir.

A águia Papoila respondeu:

– Vou lançar-vos um desafio para vos ajudar, mas têm de ser vocês mesmos a encontrar as respostas. Este ano, serão os responsáveis por preparar os doces de Natal para a consoada de todas as famílias da Aldeia dos Valores. Quando estiverem prontos devem distribuí-los, entregando um cesto de doces em cada uma das casas da povoação.

Nas bancadas, ouviram-se murmúrios e sussurros que alternavam entre a surpresa e a preocupação. No campo, os jogadores entreolharam-se perplexos. E a Honestidade questionou de imediato:

– Mas... Como é possível? Faltam apenas algumas horas para o início da ceia de Natal. Em menos tempo, ainda, começará a escurecer! Como faremos? Não teremos tempo suficiente!

A águia Papoila preparou-se para levantar voo. Ao elevar-se no ar, declarou:

– Vinte e dois jogadores significam quarenta e quatro braços para se ocuparem desta tarefa.

E, antes de se erguer em direção ao céu, dirigiu-se especificamente a três dos jogadores:

– Organização! Cooperação! Dedicção! Ajudem os vossos companheiros a cumprir este objetivo.

Quando perderam a águia Papoila de vista, os jogadores olharam uns para os outros e perguntaram:

– O que vamos fazer?



Mas foi precisamente naquela corrida contra o tempo que se organizaram para cumprir o desafio lançado pela águia Papoila. A Motivação e a Dedicção conseguiram fazer com que todos acreditassem que eram capazes; a Organização agrupou e distribuiu todos os ingredientes necessários: a farinha, o açúcar, o óleo, os ovos, a canela, os frutos secos... Depois, reuniu os seus companheiros e atribuiu a cada um uma tarefa. Desta vez, todos aceitaram o trabalho de bom grado. Afinal, o mais importante era que, naquela noite, todas as famílias da Aldeia dos Valores tivessem as suas mesas recheadas de bolo-rei, filhós, rabanadas, azevias e, acima de tudo, sonhos! A Cooperação e o Respeito orientaram o processo de confeção da massa dos doces, garantindo que este era concluído a tempo. E a Bondade, que tinha uma pastelaria, colocou à disposição os fornos e os fogões do estabelecimento para que os doces cozinhassem mais depressa. Depois de muito trabalho árduo e entreaduda, os doces ficaram prontos. A Justiça distribuiu-os e colocou-os em cestos. E, por fim, todos juntos foram entregar os doces de Natal às casas das famílias.

Todos na aldeia ficaram orgulhosos do trabalho realizado pelos jogadores, mas eram eles, mais do que ninguém, que estavam orgulhosos de si mesmos. Tinham conseguido superar o desafio lançado pela águia Papoila. Tinham conseguido unir-se. Cada um tinha dado o seu melhor e trabalhado em equipa para alcançar um objetivo comum. E esse era o grande êxito!

Quando cada um deles se preparava para regressar a casa e desfrutar do jantar da consoada com as suas famílias, viram novamente a águia Papoila a pairar no céu escurecido pelo cair da noite que se aproximava. Num voo suave, desceu a terra firme e pousou junto aos jogadores.

– Águia Papoila, conseguimos! Todas as famílias da Aldeia dos Valores têm os doces de Natal para a consoada. Obrigada por nos teres ajudado. Ao contrário do que aconteceu no jogo de futebol, conseguimos unir-nos e trabalhar em conjunto – disse a Coragem.



A águia Papoila acenou com a sua cabeça branca como a neve e respondeu:

– *Eu sei que conseguiram. Estive sempre por perto e observei a forma como trabalharam para cumprir o vosso objetivo. Felicito-vos por terem superado o desafio que vos propus, mas acima de tudo por terem aprendido a importância da união e do espírito de equipa. Estes foram os princípios que vos aproximaram, que vos ajudaram a pôr de lado as vossas diferenças e a encontrar a harmonia.*

Então, os jogadores entenderam o propósito da tradição natalícia da Aldeia dos Valores.

– *A tradição de organizar o jogo de futebol neste dia surgiu para celebrar os valores do Natal. O altruísmo, a solidariedade, a união e o espírito de equipa servem para nos mostrar que precisamos uns dos outros e que o Natal só faz sentido se for vivido e celebrado, em conjunto, por todos*
– declarou a Confiança.

A Curiosidade questionou:

– *E porquê um jogo de futebol?*

– *Porque os valores são importantes na vida, mas também no desporto* – respondeu a águia Papoila. E, após estas palavras, abriu as asas e ergueu-se em direção ao céu.

Nessa noite, enquanto caminhavam em direção às suas casas, decidiram que iriam formar um clube de futebol. O nome escolhido, “De todos, um!”, remetia para os valores da união e do espírito de equipa; o símbolo, uma águia-de-cabeça-branca, era um tributo à águia Papoila. Este clube de futebol participou em muitos torneios, somando glórias e conquistas ao longo da sua história. Mas, todos os anos, o jogo mais importante da equipa era na véspera de Natal, na Aldeia dos Valores. E, por isso, esta história não podia começar com “era uma vez”.

